



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Rafael Nadal, um dos maiores atletas da história

O grande Rafael Nadal, tenista espanhol nascido em 1986, com dezenove anos venceu seu primeiro título do Aberto da França- Roland Garros e tornou-se, depois de quase vinte anos de vitoriosa carreira, um dos maiores atletas de todos os tempos. A rivalidade com Roger Federer e Novak Djokovic formou a chamada “era de ouro” do tênis masculino e dificilmente será superada.

Rafael Nadal - O Rei do Saibro (Editora Intrínseca, 384 pág, R\$ 84,90), de Christopher Clarey, consagrado jornalista especializado em tênis e que há 40 anos escreve para o The New York Times e o International Herald Tribune, entre outros, tem sido considerada como a biografia definitiva da lenda do tênis. Clarey cobriu mais de cem torneios Grand Slam, quinze Jogos Olímpicos e seis Copas do Mundo. Ele fez reportagens em mais de

70 países e cobriu Nadal em seis continentes. Clarey é autor de *Federer: o homem que mudou o esporte*, editado no Brasil pela Editora Intrínseca.

Depois de décadas de convívio com Nadal, pesquisas, entrevistas, depoimentos sobre o ícone do esporte global, Clarey mostra análises aprofundadas e histórias de bastidores que moldaram a trajetória do tenista que se notabilizou por suas enormes resistência física, talento, energia, disciplina, *topspin* muito pesado, competitividade extrema e espírito esportivo admirado até pelos poderosos rivais. Nadal venceu quatorze títulos em Roland-Garros, superando o recorde então gigante do sueco Björn Borg, que venceu seis vezes o torneio. Em Monte Carlo, Barcelona e Roma, Nadal também reinou na superfície mais lenta e perigosa do esporte, mas justamente onde ele mostrou habilidades táticas e a



mentalidade de guerreiro.

Nadal venceu em todas as superfícies, o que faz dele um dos maiores de todos os tempos. No saibro, a superfície mais desafiadora, Nadal foi supremo e ficou para a história do esporte mundial, com recordes que dificilmente serão superados.

e palavras...

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E POLARIZAÇÃO

Sim, a gente sabe muito bem que não foi a Inteligência Artificial que inventou a polarização. O certo é que a IA tem plenas possibilidades de acelerar a velocidade e o alcance da polarização. Isto é, a IA pode ser usada para o bem ou para o mal, dependendo, é claro, do que você considere bem ou mal, mas isto já é outro papo.

O relacionamento complexo entre a IA e a polarização se tornou um dos grandes temas de debates do século XXI, até porque a polarização deletéria anda em quase todo o planeta, ao que parece causando mais males do que bens para os indivíduos e as sociedades. Como a gente já sabe há muito tempo a IA, dependendo de como e por quem é usada, pode até ajudar a reduzir divisões e proporcionar o bem para os países e cidadãos.

A IA pode aumentar a polarização com algoritmos que priorizam engajamento, com conteúdos que provocam emoções fortes, como indignação, medo, raiva. Esses algoritmos costumam gerar mais cliques e compartilhamentos e isso pode criar as tais “bolhas”, em que os usuários passam a ver apenas opiniões parecidas com as suas. Radicalização política, teorias conspiratórias, ataques coordenados e desinformação emocional são exemplos disso. Ferramentas generativas podem criar vídeos falsos, áudios imitando vozes, imagens manipuladas e notícias sintéticas convincentes. A IA consegue analisar comportamento digital e prever preferências políticas, medos e vulnerabilidades e isso permite campanhas extremamente personalizadas. Calma, tenhamos espe-

rança: a IA também pode reduzir a polarização com tradução e mediação cultural e aproximar grupos diferentes, com tradução automática, acessibilidade, resumo equilibrado de debates e identificação de linguagem extremista. Sistemas automatizados podem ajudar a detectar discurso de ódio, campanhas coordenadas, bota e assédio. Sem ser perfeita, essa moderação pode diminuir ambientes tóxicos.

Ferramentas de IA podem ser utilizadas para mostrar diferentes perspectivas, contextualizar informações, checar fatos e estimular pensamento crítico.

O grande problema disso tudo, como se sabe, é quem define os critérios, quem programa os algoritmos, quais interesses econômicos estão por trás, quem controla os dados e quais valores culturais a serem priorizados. Há receio tanto de manipulação privada por grandes empresas ou controle estatal excessivo sobre a informação.

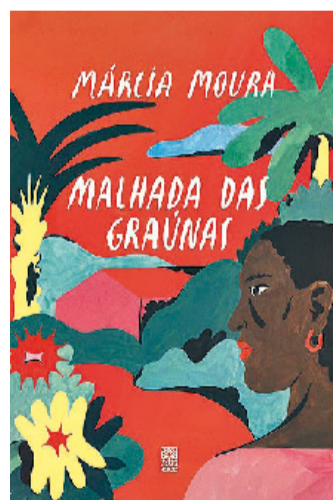
Nosso País virou um laboratório importante para observar como tecnologia, emoção e política se misturam em ambientes digitais. Estão aí as “bolhas” psicológicas, os impactos da IA nas eleições, as diferenças entre polarização saudável e extremismo e a preocupação de como a IA pode afetar a democracia nas próximas décadas.

A IA poderá enfraquecer ou fortalecer a democracia no futuro próximo, ou, provavelmente, fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Instituições, leis, educação da população e do poder concentrado nas plataformas digitais vão dizer como vai ser.

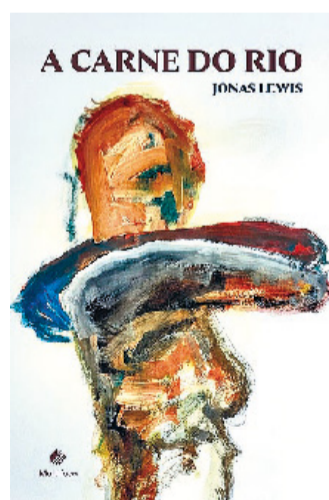
lançamentos



► **Missão aposentadoria** (Rocco, 362 pág, R\$ 89,90), primeiro romance da canadense Sue Hincenbergs, mostra três amigas de longa data que veem seus planos para o futuro arruinados depois que seus maridos perderam todo o dinheiro que tinham acumulado em um investimento que naufragou. Então, elas querem os valores dos seguros de vida milionários dos maridos...



► **Malhada das graúnas** (Pallas Editora, 72 pág, R\$ 41,00), romance de Márcia Moura, médica, professora e escritora premiada, recebeu o Prêmio Pallas de Literatura 2025. A narrativa poética e pungente mostra conflitos familiares e costura o íntimo, o pessoal e o inconsciente coletivo. Giza, a protagonista, volta à terra natal para reconhecer a ossada da mãe desaparecida.



► **A Carne do Rio** (Multifoco, 214 pág, R\$ 54,90), romance de Jonas Lewis, escritor, produtor musical e arranjador, nasce do improvável e permeia o grotesco e o sagrado, com pungente prosa poética, hábil arquitetura narrativa e imagens carregadas de sensações. Morte, rio Guaíba, ausências, assombrações, palavras, silêncios e tempo estão envoltos em linguagem bem elaborada.

a propósito

Nessas próximas eleições brasileiras, os eleitores, que já têm muitos problemas pessoais e necessidades a resolver, vão ter que ter a paciência e o cuidado de não serem simples vítimas e usuários de redes, sistemas e algoritmos. Não vai ser fácil. Num País onde até o passado é imprevisível, ter que lidar com narrativas de todo

tipo e engabolações digitais variadas é dose para elefante. Mas é o que temos. Quem está nas redes pode se tornar inocente peixe útil e quem não está pode ser digitalmente enterrado. IA não deve ser instrumento para dividir, manipular e ser vantajosa só para os senhores feudais digitais de plantão.

(Jaime Cimenti)